

TÍTULO DA MESA: “A Identificação no processo de segregação e seus efeitos na clínica”

As Identificações na constituição do sujeito

Luciana Maria Vianna Torres, Sonia Alberti

O tema da identificação perpassa toda obra de Freud como um vetor para o pensamento e desenvolvimento dos conceitos fundamentais da psicanálise. Em 1921, Freud publica *Psicologia das massas e análise do eu*, sendo o capítulo VII desse texto intitulado *A Identificação* apontando a relevância do tema desde a primeira frase: “a psicanálise conhece a identificação como a mais tenra expressão de uma ligação afetiva com outra pessoa. Desempenha um papel na pré-história do complexo de Édipo” (FREUD, 1921, p.99).

Freud faz uma compilação de tudo que foi elaborado até então, buscando pensar a identificação como algo de mais primitivo na constituição do sujeito, relacionando-a à formação do sintoma neurótico. Assim, define três momentos da identificação: um primeiro momento, o bebê toma o pai como modelo, como um ideal. Nesse caso, a ligação recai sobre o querer ser como tal. Ao mesmo tempo à identificação ao pai, a criança realiza um investimento libidinal na mãe como objeto de amor, formando dois laços distintos para com a mãe que ele deseja ter e para com o pai o que ele deseja ser. As relações estabelecidas com o pai e com a mãe andam lado a lado até quando se encontram através da experiência edípica. A identificação ao ideal do pai tomado como objeto exemplar pode ser representada pelo mito do pai da horda em *Totem e Tabu* (1912-1913), assassinado pelos filhos e incorporado de forma totêmica. Simbolicamente esse pai inscreve a interdição do incesto e é a marca da primeira identificação possibilitando então estabelecer vínculos, tratando mais especificamente do direcionamento da libido para o mundo externo. Tal como o S1 em Lacan vai desencadear uma teia de significantes, a identificação primária vai desencadear as outras identificações que seguirão o sujeito vida a fora, formando o romance inconsciente de cada um.

A origem do Complexo de Édipo se dá a partir da confluência entre os laços estabelecidos pela identificação ao pai como ideal e a tomada da mãe como objeto de amor, quando a criança percebe o obstáculo imposto pelo pai perante seu objeto de amor. Sua identificação ao pai toma uma posição de rivalidade, desejando ocupar o lugar do pai perante o desejo da mãe. A identificação tem um caráter ambivalente,

podendo se apresentar tanto na forma de carinho quanto na forma de desejo de eliminação. Se no primeiro momento, a ligação recai sobre o sujeito, no segundo momento a ligação recai sobre o objeto.

No primeiro caso da formação do sintoma a identificação se faz para ter a pessoa amada. No segundo caso ocorre uma inversão e a identificação se faz para ser a pessoa amada, assim se identifica com o objeto de desejo, como aquele que deseja ter, como no caso Dora (FREUD, 1905), que desenvolveu uma tosse igual a de seu pai, tomando o sintoma como traço identificatório dele para ter a mãe. Essa seria a identificação por regressão, identificação ao traço unário, (*einzigster Zug*), tomado do Outro como objeto de desejo, ao que se quer ter. Ocorre em função dos impasses do desejo, identificando-se com o que falta ao Outro. Entre esses dois momentos, Freud nos diz: “No primeiro caso o pai é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo aquilo que se gostaria de *ter*. Trata-se, pois, da diferença se o laço atinge o sujeito ou o objeto sexual”. (FREUD, 1921, p.100). O terceiro momento da identificação pode ser chamado de “identificação por contágio” (FREUD, 1921, p.101), uma “infecção psíquica” (FREUD, 1921, p.101) ou identificação histérica, quando os sujeitos se reúnem através de um ponto em comum, podendo ser uma causa ou uma pessoa. Nesse tipo de identificação o sujeito quer ser e ter o que o outro é e tem, como num ataque histérico coletivo, momento em que todos de um grupo se apropriam de um ponto em comum, pela via do desejo.

Em seu texto *O eu e o isso* (1923), Freud propõe a noção de identificação primária, chamada de identificação ao pai, seria igual tanto para o menino quanto para a menina, sendo a mãe o objeto de investimento para ambos. Isso trará à luz um pensamento sobre a resolução do complexo de Édipo de forma diferenciada entre os gêneros. Vemos que a operação da identificação está interligada a conceitos importantes da psicanálise e presente em vários textos de Freud. O tema faz parte integrante na formulação da teoria psicanalítica também para Lacan, tendo dedicado o período entre 1961 e 1962 de seu ensino ao Seminário 9 intitulado *A identificação* a partir de Freud, retomando a referência ao traço unário para marcar uma diferença, ou seja, um lugar singular do sujeito no campo da linguagem.

Todos os três momentos das identificações serão de igual importância, articulam-se entre si na constituição do sujeito, operando de forma complementar. Contudo, o segundo momento, a identificação ao traço, permite uma articulação mais clara com a questão da segregação por localizar-se na base do processo, correspondente a identificação no registro do simbólico.

O mecanismo da identificação é constitucional no ser humano e indispensável para a relação que será estabelecida entre o eu e o ideal do eu, situando a sua origem na identificação ao pai e para a articulação do sujeito com seus laços sociais e na formação de grupos.

O ser humano nasce totalmente referido ao outro, de forma simbiótica estabelecendo essa relação através de uma posição, isso é, tentar estabelecer o lugar ao qual o sujeito irá ocupar perante o desejo do Outro ou o lugar do sujeito como objeto causa de desejo. Encontrar os traços que o definam para identificar-se nesse lugar causa angústia, pois essa identificação revela um efeito de causa e revela o vazio do Outro ou a falta de significantes que significam o Outro $S(A/)$. No campo do Outro esse sujeito é barrado, mas não completamente havendo um resto irreduzível ao significante. Com o esquema L, Lacan nos apresenta uma relação especular do sujeito com o Outro. Esse Outro é o representante da primeira relação do sujeito com a alteridade e essa relação não se estabelece de forma dócil. O Outro se apresenta para o sujeito de forma absoluta, assim o sujeito deve se armar de subterfúgios para não ser atingido por essa gana. Portanto é fundamental que esse Outro também introduza para o sujeito algo que não seja da ordem da anulação absoluta, de modo a instrumentalizá-lo para que o sujeito possa avançar pela via do desejo, caso contrário ele estará sempre à mercê do Outro. Isso que vai barrar o Outro absoluto é o Nome-do-Pai. A dialética da intersubjetividade nessa relação do sujeito com o Outro, entre a anulação e o subterfúgio, apresenta-se no eixo $a-a'$, o par da objetivação recíproca imaginária que depreendemos no estágio do espelho. A partir de então, o sujeito formulará as articulações entre os três registros, R.S.I.

Para não cair no abismo do real, o sujeito deve construir uma ponte imaginária, sustentada pelos pilares S1 ao S2. É na hiância entre S1 e S2 que surge o sujeito. Num surto psicótico, por exemplo, essa ponte se quebra por falta de uma amarração que deveria ser feita pelo Nome-do-Pai. O encontro com o real se dá quando faltam significantes para dar significado à situação. O sujeito terá que buscar no tesouro dos significantes aquilo que é organizado pelo Nome-do-Pai.

Se um significante representa o sujeito para outro significante, a representação possível deve fazer sentido para o outro. Um significante não se representa sozinho, ele é absolutamente dependente de outro para formar sentido, S1...S2, entre um significante e outro há uma imensa distância, tal como uma reta tem infinitos pontos, que só se encerra num ponto de basta, caso contrário desliza sem fim e não forma sentido. Nesse meio, o meio do não-sentido, é onde habita o real. Por outro lado, a ponte formada entre

S1 e S2, sustenta o imaginário, encobrendo o real. Não há relação imaginária sem sustentação simbólica.

Partindo desse princípio e do princípio de que a ética da psicanálise é a ética do desejo, devemos considerar a característica de indestrutibilidade referente ao desejo não podendo ser anulado, ele sempre reaparece de outra forma e tampouco pode ser medido pela métrica, por estatísticas ou pelo experimento. Essas são tentativas inócuas de apagar a validade do desejo.

Constatamos que os tratamentos terapêuticos voltados à identificação, restritos ao eixo imaginário a – a', tomam um determinado modelo como guia e como modelo ideal, anulando a singularidade do desejo, colocando o sujeito tal como um abjeto pronto a modelar-se conforme um ideal estabelecido pela coletividade. Essa prática estabelece uma adaptação do sujeito a determinados moldes, formando grupos de quem está dentro ou fora, fazendo com que essa prática da segregação, a partir do caráter indestrutível do desejo, aumente o mal-estar.

Nessa vertente, Lacan aponta três pontos de fuga articulados aos três registros (R.S.I.), sustentando a Escola a prática psicanalítica. O Simbólico está baseado no mito edipiano. Lacan localiza as figuras de pai e mãe como lugares, de forma matemática (Nome-do-Pai e Desejo da Mãe), mostrando que com a exclusão do Édipo, ou forclusão do Nome-do-Pai ou a supressão da castração, teremos um discurso delirante. A ciência promove uma destituição do sujeito de forma a foracluí-lo, desconsiderando-o. Dessa forma, tal qual o funcionamento do mecanismo das psicoses, o que não é afirmado no simbólico, retorna no real. Mas esse sujeito foracluído da ciência fala e é responsabilidade do analista fazer aparecer dessa fala alguma verdade. Em *Radiofonia*, Lacan situa no Discurso Universitário essa necessidade em tamponar o furo e eliminar o mal-estar próprio ao discurso da ciência, sendo ordenado pelo Discurso do Mestre que continue a trabalhar. Quanto ao Imaginário, Lacan, durante as décadas de 50 e 60, denunciava o fato das instituições psicanalíticas tenderem a uma formação semelhante às estruturas globais como o exército e a igreja, organizadas como instituições totalitárias, onde identificados, os participantes desses grupos falam e se comportam todos entalhados da mesma forma.

Foi para fazer frente a isso que Lacan propõe sua Escola como um local de acolhimento, podendo fornecer alguma garantia, numa tentativa de proteger dos efeitos provocados pelas instituições psicanalíticas que tendiam a se cristalizar provocando efeitos de grupo e a segregação.

Ao campo do Real cabe viabilizar a seguinte análise: tal como a segregação dos campos de concentração, o discurso capitalista e o discurso da ciência trabalham no sentido de tamponar o que advém do real, dando respostas padronizadas e dividindo pessoas por grupos: o conjunto dos X e os outros não X, que podem ser Y, Z etc. segregados fora do conjunto X. Contudo, existe um real em jogo na constituição do sujeito e as práticas das sociedades em questão tendem a encobrir esse real. Cabe à psicanálise defender sua ética e defender o seu espaço, sendo este em respeito à subjetividade aliada à sustentação dos seus efeitos. Temos aqui uma dimensão político-institucional da psicanálise semelhante a um posicionamento político da psicanálise no mundo, principalmente ao que tange aos efeitos de segregação.

Estamos numa era cujo discurso da ciência que busca a verdade, exclui a subjetividade e está submetido ao discurso capitalista vem tomando força dentre políticas públicas adotadas através de tratamentos ministrados de forma massificada e generalista, muitas vezes ocorrendo a exploração da fé religiosa ou da cura por conversão espiritual. Lacan denuncia em *Televisão* que ao dar a solução para o outro, não estamos respeitando a modalidade de gozo do sujeito, impondo-o uma determinada forma de gozo que não é a dele: “Deixar esse Outro entregue a seu modo do gozo, eis o que só seria possível não lhe impondo o nosso, não o tomando por subdesenvolvido” (LACAN, 1973, p.533).

Deixar o outro ao seu modo de gozo não quer dizer um movimento autista, alheio aos laços sociais, mas temos que pagar um preço para vivermos em sociedade. A moeda de troca é parte do próprio gozo, mas ocorre um desvario social nesse país, onde sempre o que se paga está absurdamente desproporcional ao que se obtém.

Lacan nos ensina que o saber que resulta da transferência diz respeito a um saber fazer algo com a verdade, no limite em que o real não é para ser sabido. Esse é o único dique para conter o idealismo. O que se instaura no real através do simbólico é um contorno do vazio, o ponto de basta no inconsciente que abriga os traços e tudo que dita a singularidade, o depósito da linguagem.

Essa articulação nos faz compreender que a ética da psicanálise é diferente da ética do supereu. Para que se estabeleça um processo político, há a necessidade em estabelecer identificações. Ora, mas como seria viável a psicanálise nesse mundo se ela trabalha justamente no sentido contrário, fazendo cair ideais? É importante não confundir esse processo com ‘alcançar uma indiferença’. A psicanálise não é indiferente à política ou à sociedade. Pelo contrário, inclusive o que marca a política da psicanálise está baseado em contrariar qualquer tipo de poder ou instituição totalitarista, trazendo uma proposta entre o limite do poder ao que tange o limite da satisfação. Seria um caminho onde a

intercessão está entre a autorização do gozo de cada um com a autorização do gozo do outro baseado numa forte objeção da homogeneização do gozo. Não se faz uma sociedade sem indivíduos.

Provocar um efeito de separação do sujeito com o Outro, significa apontar que não se goza com o gozo do Outro, mas de toda forma o inconsciente como efeito da transferência não é solitário, pois ele se amarra moebianamente ao desejo do Outro. Há uma marca indelével do desejo do Outro no sujeito. A psicanálise propõe um tratamento pelo qual o sujeito poderá identificar o que é dele e o que é do Outro, produzindo um sujeito independente, desidentificado ao desejo do Outro. Isso não quer dizer que ele não se importe com o outro ou que esteja desatado aos laços sociais, mas sim que pode participar com outra visão, com outro comprometimento, talvez mais isento das paixões. Viabiliza criar novas relações com os mesmos.

Encerro com a fala de Lacan sobre o discurso analítico em *Televisão*: “Ora, o discurso analítico, por sua vez, traz uma promessa: introduzir o novo. É isso, coisa incrível, no campo a partir do qual se produz o inconsciente, já tem seus impasses, certamente entre outros, mas em primeiro lugar, revelam-se no amor.” (LACAN, 1973. P.529).

BIBLIOGRAFIA:

FREUD, Sigmund – “*Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora)* (1905[1901]) - in: Obras Completas: vol. VII: Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007.

----- “*Psicología de las masas y análisis del yo*” (1921) – in: Obras Completas: vol. XVIII: Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007.

----- “*El yo y el ello*” (1923) – in: Obras Completas: vol. XIX: Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007.

LACAN, Jacques – “*A Identificação*” – Seminário 1961 – 1962 – Recife: Centro de estudos de Recife, 2003.

----- “*Radiofonia*” (1970) - In: Outros Escritos: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003.

----- “*Televisão*” (1973) - In: Outros Escritos: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003.